

A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres *The color of autism and its relevance in the symbolic representation of women*

Anne Karolyne Mendes Pereira & Virgínia Tiradentes Souto

design, design da informação, autismo, cor do autismo, autismo azul

O artigo visa compreender de que forma a cor utilizada para a representação do autismo influencia na maneira com que a deficiência é reconhecida e difundida pelo mundo. Para tanto, fez-se uma revisão bibliográfica a respeito do autismo, da cor utilizada para representá-lo, da consequente invisibilização de mulheres autistas e quais as mudanças sugeridas pela comunidade inserida no espectro. Além disso, foram feitas entrevistas com mulheres autistas para entender como se sentem em relação à atual representação de sua deficiência e das mudanças simbólicas propostas. Os resultados mostram que é necessária uma mudança na forma como se apresenta o espectro a fim de garantir maior visibilidade entre mulheres. Conclui-se, ainda, que é necessário uma amostra maior de autistas de ambos os gêneros para se chegar à melhor forma de representação, e também a utilização de técnicas utilizadas pelo design centrado no usuário do início ao fim do projeto.

design, information design, autism, color of autism, blue autism

The article aims to understand how the color used to represent autism influences how disability is recognized and diffused throughout the world. For this, a bibliographic review was made regarding autism, the color used to represent it, the consequent invisibilization of autistic women, and the changes suggested by the community in the spectrum. In addition, interviews were conducted with autistic women to understand how they feel about the current representation of their disability and the proposed symbolic changes. The results show that a change in the way autism is presented is needed to ensure greater visibility among women. It is also concluded that a greater sample of autistic children of both genders is needed to reach the best representation, as well as the use of techniques used by the user-centered design from the beginning to the end of the project.

1 Introdução

O autismo ou Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma deficiência de desenvolvimento que se qualifica e reconhece por um conjunto de alterações que afeta quase todos os aspectos do comportamento humano, desde a interação social a transtornos de processamento sensorial em maior ou menor grau (Passerino, Bez & Vicari, 2013).

Estima-se que haja cerca de dois milhões de autistas no Brasil (Oliveira, 2015). Por não se tratar de uma deficiência identificada de forma laboratorial, o diagnóstico é feito a partir da análise de uma série de comportamentos e sintomas. Porém, com pesquisas realizadas, basicamente, em pessoas do gênero masculino, a maneira como se passou a entender o autismo foi baseada em experiências de garotos. Isso resultou em uma incidência de homens com diagnóstico autista quase quatro vezes maior do que a de mulheres (alguns estudos afirmam um número até 10 vezes maior), criando uma crença de que o autismo possui predominância masculina (Hill, 2012).

Estudos afirmam que o sexo biológico altera a maneira como doenças, deficiências e até medicações afetam o organismo. O grupo *Sex and Gender Women's Health Collaborative* (INDEED..., 2018) é composto por pesquisadores que analisam as diferenças de comportamento entre homens e mulheres mediante a utilização de medicamentos e a observação de sintomas de doenças de diagnósticos iguais. De acordo com eles, cada célula possui um sexo e isso influencia diretamente na forma como os corpos respondem a estímulos, o que poderia explicar a diferença de diagnósticos entre homes e mulheres autistas.

Anais do 9º CIDI e 9º CONGIC

Luciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta, Cristina Portugal (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI

Belo Horizonte | Brasil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

Proceedings of the 9thCIDI and 9thCONGIC

Luciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta, Cristina Portugal (orgs.)

Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI

Belo Horizonte | Brazil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

Com a discrepância de números entre pessoas de ambos os gêneros com o espectro, o azul foi escolhido como a cor oficial do autismo para ressaltar que se trata de uma deficiência de maioria masculina. Atualmente, é uma cor difundida pelo mundo todo e a Organização das Nações Unidas (ONU) a utiliza para celebrar o Dia Mundial de Conscientização do Autismo (*World Autism Awareness Day - WAAD*), onde se incentiva a iluminação azul em monumentos populares de diversos países (WORLD..., 2012).

De acordo com Cardoso (2012), uma cor não é vista apenas devido às características intrínsecas de absorção e reflexão de luz, e sim conforme o que pode causar, pois o mecanismo prioritário de identificação do ser humano é a memória. Assim, se uma cor que remete a determinado gênero (no caso, o azul para homens) é utilizada para simbolizar uma deficiência, a aceitação de pessoas do outro gênero com a particularidade pode ser prejudicada. Ou seja, se o autismo é difundido e divulgado como uma deficiência majoritariamente masculina, mulheres com o espectro podem deixar de receber diagnósticos, resultando na invisibilidade do autismo feminino.

Grupos de militância autista têm se esforçado no combate aos estereótipos e à desinformação. Um desses esforços consiste na mudança da cor azul para simbolizar o espectro para as cores do arco-íris a fim de representar a diversidade do TEA. O objetivo deste estudo é investigar a relação da cor do autismo com a sua representatividade em mulheres. Para tanto, inicialmente foi feita uma pesquisa sobre a cor do autismo, a representação simbólica da informação entre gêneros, e a invisibilidade do autismo feminino. Também foram realizadas entrevistas com mulheres autistas a fim de compreender se existe representatividade na atual cor escolhida para representar o espectro. A partir destes estudos, pretende-se iniciar uma discussão acerca da relevância do estudo da cor no design e sua representatividade para mulheres autistas.

2 A cor do autismo

Cor e representação simbólica da informação entre gêneros

As cores participam do processo de organização e interpretação de imagens de duas formas: de um lado, nos mecanismos de percepção para diferenciar elementos e, do outro, por meio de associações mentais, representando objetos concretos ou ideias (Menezes & Pereira, 2017). De acordo com Farina (1986), cor é um tipo de informação visual causada por um estímulo físico percebido pelos olhos e decodificado pelo cérebro.

A utilização de símbolos como maneira de adaptação mental é uma ferramenta exclusiva de informação entre seres humanos (Logan, 2012). Desde os primórdios da humanidade, signos são utilizados na transmissão de mensagens e informações (Santaella, 1983) por meio de pictogramas, desenhos arqueológicos, rituais, danças, músicas ou cerimônias.

Um signo, de acordo com Niemeyer (2013), é algo que representa alguma coisa para alguém podendo variar de acordo com o contexto. Os signos são fundamentais na transferência de informação, pois são utilizados como ferramenta para transmissão de mensagem de um emissor para um receptor, transformando-a em comunicação. Por meio deles, pode-se repassar conhecimentos entre gerações, conversar com pessoas de diferentes lugares ou, simplesmente, percorrer vias de trânsito de maneira segura por se conseguir identificar o que as cores de um semáforo representam, por exemplo.

Crepaldi (2006) afirma que as cores têm a habilidade de despertar sensações e definir ações e comportamentos, além de provocar reações corporais e psicológicas. Para ela, a cor é o elemento de maior força para a emotividade humana e seu poder evocativo fornece uma recordação que atua diretamente na forma como se lembra de determinados elementos.

As cores podem ser classificadas de diversas maneiras. De acordo com Pereira (2011), as conexões que unem as cores ao que representam podem ser icônicas (i.e. quando representam um objeto por semelhança, como o azul do mar), indiciais (i.e. quando antecipam algo, como a cor preta de uma banana indicando que ela apodreceu) ou simbólicas (i.e. quando se refere ao objeto por convenção). Já Tufte (2011) afirma que as cores possuem

quatro usos fundamentais no design da informação: rotular (i.e. quando diferencia elementos de acordo com seu conteúdo), mensurar (i.e. quando compara dados quantitativos), decorar (i.e. quando realça uma informação) e representar. Este último está relacionado à associação das cores com objetos do mundo real, quando a cor facilita ou possibilita a identificação de objetos ou ideias, quer seja por semelhança ou convenção, auxiliando na construção de significado e identidade.

O foco deste estudo aborda a questão simbólica e representativa da cor, onde o azul é utilizado para representar o homem, o gênero masculino. Neste caso, a cor desempenha uma de suas principais funções: fazer com que a informação seja lembrada (Berry & Martin, 1994). Criar uma representação semiótica é transmitir um olhar que contribui para a compreensão de significados amplos e múltiplos de diversos símbolos, como resumir um apanhado de informações em apenas uma representação identificada dentro de um contexto. Pais de crianças recém-nascidas, por exemplo, possuem o hábito de vesti-las nas cores azul ou rosa para designar o gênero de seus bebês e, em festas originalmente americanas, como o “chá-revelação”, cujo objetivo é revelar o gênero da criança para pais e amigos, o ponto alto da celebração está na representação simbólica de cores: se for menino, a cor azul será utilizada; se menina, rosa (Montano, 2017).

A utilização do rosa para meninas e azul para meninos é tradição que perpassa gerações e marca modelos de comportamento e vestimentas que podem resultar em prejuízo para ambos os grupos. De acordo com Guerra (2007), as representações simbólicas de diferenciação de gênero podem atrapalhar na formação humana de crianças que, cercados de padrões de comportamentos, devem seguir “papéis” de masculinidade e feminilidade que independem das diferenças biológicas. A autora afirma que o simbolismo por trás das cores é cercado de pressão de comportamentos sociais, onde o rosa entoa calma, fragilidade e meiguice e o azul, intelectualidade, força e razão, características que devem ser encontradas em cada um conforme o seu gênero.

O papel de gênero reforçado desde o momento em que um recém-nascido sai da maternidade determina muito do que se espera enquanto sociedade daquela criança. É o que Simone de Beauvoir (2009) quer dizer em sua famosa citação “não se nasce mulher, torna-se mulher”, onde a questão da feminilidade vai muito além das diferenças anatômicas e biológicas, tratando-se de uma performance, onde o “ser mulher” consiste em como se deve agir perante a comunidade.

Logo, quando se age de maneira diferente ao que se espera do gênero, existe um rechaçamento e uma negação. O mesmo acontece quando uma deficiência é divulgada como de determinado gênero: fecha-se as possibilidades de tudo que foge ao que se espera de seu comportamento padrão.

A invisibilidade do autismo feminino

Desde a Segunda Guerra Mundial, a pesquisa científica mudou a regulamentação a fim de garantir a proteção de seres humanos em estudos clínicos, desde o mais simples, a necessidade de consentimento dos participantes, a cuidados básicos que promovam o bem-estar dos envolvidos. Nessa época, acreditava-se que homens e mulheres diferenciavam-se apenas conforme seus órgãos genitais e hormônios. Assim, mulheres férteis eram “poupadas” de testes científicos por causa de suas alterações hormonais e da chance que tinham de engravidar (Mcgregor, 2014).

O problema dessa crença é que homens e mulheres não diferem apenas por seus órgãos genitais, mas na maneira de responder a medicamentos e de manifestar efeitos colaterais, resultando em divulgações incompletas sobre causas e sintomas de doenças sérias. Por exemplo, por alguma razão que chamou a atenção da comunidade científica, o número de mortes em mulheres após sofrer um infarto é maior do que o de homens devido aos sintomas apresentados: eles possuíam indícios clássicos, como a dor excessiva no peito, enquanto elas sentiam apenas falta de ar e exaustão. Ainda que sejam metade da população mundial, os indicativos de infarto apresentados em mulheres são considerados atípicos, fazendo com que médicos não se atentem a tais sintomas, resultando em um número maior de mortes de pessoas do gênero feminino (Mcgregor, 2014).

O mesmo aconteceu com o diagnóstico de autismo. Os sintomas clássicos ou típicos são as variações encontradas, basicamente, em homens. No caso das mulheres, o comportamento é quase o oposto, como mostra a tabela 1. Isso significa que várias mulheres tiveram problemas na hora de receber diagnóstico e estudos mais recentes levaram ao que hoje é conhecido como “autismo atípico” (Paschoal, 2019), que corresponde ao que seria o conjunto de comportamentos mais encontrados em mulheres.

Tabela 1: Diferenças entre autismo típico (masculino) e atípico (feminino).

Autismo Típico	Autismo Atípico
Empatia baixa	Hiperempatia
Gosto por leituras técnicas	Gosto por leituras ficcionais
Preferência por ciências exatas	Preferências por artes e o ensino de línguas
Interesses hiperfocados incomuns para neurotípicos	Interesses hiperfocados comuns para neurotípicos
Crises nervosas agressivas	Crises nervosas com choro
Apego a objetos	Apego a animais
Personalidade e aparência simples	Personalidade e aparência excêntricas
Dificuldade para imaginar histórias ficcionais	Facilidade para imaginar histórias ficcionais
Não imita comportamentos	Imita comportamentos sociais de maneira robotizada

O fato de não se enquadrarem no mais comum da deficiência fez com que diversas mulheres tivessem dificuldades para receber diagnóstico e a utilização da cor azul para simbolizar o espectro ressaltou a ideia errônea de que o autismo é tipicamente masculino (Hill, 2012). Isso gera o que Paschoal (2019) chama de ciclo de invisibilidade de mulheres autistas, onde pesquisas utilizam amostragens com maioria de homens, resultando em características do “autismo masculino”, o que faz com que menos mulheres sejam diagnosticadas, gerando números que afirmam a maior existência de homens autistas e estes resultados são utilizados para pesquisas de profissionais e cientistas da área (Figura 1).

Figura 1: Ciclo de invisibilidade de mulheres autistas (feito pelas autoras).



Hoje, essas pesquisas estão sendo reconsideradas e novos estudos mostram que a incidência entre homens e mulheres autistas não é de 4 para 1, mas pode ser de 2 para 1 ou até mesmo 1,5 mulher para 1 homem (Hill, 2012).

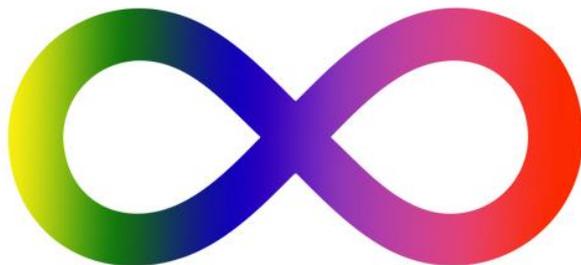
Para quebrar esse ciclo de invisibilidade, Paschoal (2019) sugere a inclusão de mulheres em pesquisas científicas, a conscientização e divulgação de informação sobre o autismo atípico e a mudança da disseminação de conhecimento sobre o autismo, incluindo a comunicação visual.

Alterações sugeridas

Por se tratar de um signo com significados contestáveis, autistas do mundo inteiro resolveram propor novas formas de manifestar orgulho por serem quem são. Uma delas é o *AutisticPride Day* ou "Dia do Orgulho Autista", celebrado no dia 18 de junho, uma ocasião para mostrar que não há problema em ser autista e de lembrar que o espectro possui diversas variações (AUTISTIC..., 2018), em substituição ao 2 de abril, dia escolhido pela ONU para conscientizar mundialmente sobre o TEA.

Para substituir o azul, defensores do *AutisticPride Day* sugeriram a utilização das cores do arco-íris para simbolizar as variações do espectro (HAPPY..., 2016) dentro de um símbolo do infinito, usado na representação da neurodiversidade (Figura 2). Esse signo foi criado pelo grupo *Aspies for Freedom* (AUTISTIC..., 2019), um site feito por pessoas com diagnóstico de Síndrome de Asperger cuja intenção é conscientizar e conhecer outros autistas.

Figura 2. Signo para a representação da neurodiversidade. Imagem adaptada de HAPPY..., 2016 (feito pelas autoras).



A ideia de utilizar mais de uma cor é lembrar que o autismo não é uma deficiência de maioria masculina, mas que afeta ambos os gêneros e que seus sintomas são variados, tratando-se, assim, de um espectro. Amanda Paschoal (2015), em sua apresentação sobre o autismo, explica que espectro é a palavra usada para descrever o conjunto de todas as cores visíveis (Figura 3) e, por isso, colabora para uma melhor representação do autismo, onde cada autista é um espectro em si mesmo, pois possui diferentes graus em *stims* (abreviação de *self stimulation* ou "auto estimulação", que é mais conhecido na comunidade acadêmica como "estereotipia", porém essa palavra não é bem vista no meio autista), processamento sensorial, função executiva, verbalização e habilidades sociais.

Figura 3. O espectro autista e suas variações. Imagem adaptada de PASCHOAL, 2015 (feito pelas autoras).



3 Mulheres autistas e representatividade na cor do autismo

Para este estudo, por meio de uma abordagem qualitativa, foram realizadas entrevistas *online* com quatro mulheres adultas autistas que participam de grupos em prol da representatividade e conscientização do espectro.

As entrevistadas foram identificadas como A, B, C e D, com idades que variam entre 27 e 40 anos (Tabela 2). Todas reconhecem a importância de se falar e conscientizar sobre autismo e, por isso, têm vivência em grupos de militância, dentre eles a Liga dos Autistas e a Primavera Autista.

Tabela 2. Mulheres entrevistadas

Pessoa	Idade	Formação
A	36 anos	Bacharel em Turismo.
B	32 anos	Não tem graduação formal, mas é autodidata e trabalha como <i>designer</i> , <i>social media</i> e <i>webdesigner</i>
C	40 anos	Licenciatura em História e Curso Técnico em Análises Clínicas.
D	27 anos	Bacharel em Conservação e Restauração de bens culturais. Cursa Licenciatura em Artes Visuais.

Inicialmente, questionou-se a validade da alteração simbólica do autismo, especificamente sobre a mudança da cor azul, mas algumas entrevistadas também falaram a respeito do quebra-cabeça difundido pela organização *AutismSpeaks*, mundialmente criticada por autistas de diversos países (Endow, 2014; Willingham, 2013).

A mulher A afirmou que gosta do quebra-cabeça devido à simbologia que remete a ela, não à original que teria referência a uma possível cura para o espectro. Para ela, o diagnóstico foi como uma peça de quebra-cabeça que faltava para dar sentido à sua vida. Quanto à mudança das cores, disse entender como uma forma de abranger a diversidade dentro do espectro e afirmou que, pessoalmente, não gosta da representação azul. Porém, no final, a entrevistada afirmou que brigar por cor ou símbolo é um detalhe que, apesar de ter alguma importância, não tem a relevância na conscientização do que é o autismo e que esse tipo de polêmica pode desgastar o esforço pela divulgação de informações.

A pessoa B afirmou ser uma mudança desnecessária, pois para ela a utilização de uma ou várias cores é indiferente. A entrevistada afirmou que era extremamente importante divulgar mais informações a respeito do espectro, mas disse que já existem muitas pautas para se falar enquanto mulher autista e esse tipo de militância poderia atrapalhar, pois é uma maneira de

apontar o erro de pessoas que estão começando a se conscientizar, fazendo com que percam a vontade de aprender sobre o TEA. Ela disse que fica muito feliz quando alguém demonstra o mínimo de interesse e que não proibiria alguém de usar uma cor, pois a mínima demonstração de consciência já era válida.

Para C, utilizar as cores do arco-íris pode gerar confusão devido à popularidade da bandeira utilizada pelo movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais (LGBTI – Figura 4). Ela afirma que a mudança de cor é uma evolução para a comunidade autista, pois lembra que o autismo não é, como se acreditava antes, uma deficiência de maioria masculina. Também diz que a utilização do quebra-cabeças é completamente errônea, pois não considera que está “aos pedaços” e não se sente um mistério a ser desvendado. afirmou que o quebra-cabeças só seria válido se fosse utilizado para representar quem tenta entender o autista de forma neurotípica, e não o contrário.

Figura4. Bandeira do movimento LGBTI. Foto: Benson Kua. Extraído do site da ONU (ACNUR..., 2019)



Já a pessoa D é mais ligada a movimentos em prol da mudança da cor. Ela afirmou que usar o azul para representar o autismo é como usar a suástica para representar os judeus, guardada as devidas proporções, pois sempre que alguém fala sobre essa ser a cor do autismo, remete ao mito de ser mais comum em homens do que em mulheres, resultando no ciclo de invisibilidade anteriormente citado. Disse que a mudança da cor é fundamental para que se acabe com a crença de que autismo tem diagnóstico de maioria masculina e que se trata de algo ruim que deve ser curado.

4 Resultados e conclusões

Com um grupo restrito de mulheres autistas opinando sobre o assunto, ficou evidente a falta de unidade de pensamento. O que se sabe é que existe uma necessidade real de conscientização a respeito do espectro, principalmente no que diz respeito às mulheres, e que os autistas estão lutando mais a cada dia por visibilidade e pelo direito de falar por si próprio.

As mulheres entrevistadas não entraram em consenso quanto à mudança do azul para as cores do arco-íris, mas concordam com a necessidade de divulgação de informações reais que desmistifiquem o autismo como algo masculino e que deve ser curado. O espectro é um conjunto de características que compõe a pessoa autista, mas isso não determina seu caráter, seu gênero ou a maneira como irá enfrentar a sociedade.

Apesar de não haver unanimidade de pensamento a respeito do emprego das cores do arco-íris, é sabido que a cor influencia diretamente na percepção de determinados produtos ou símbolos, por isso a importância do estudo da semiótica em cursos de design. A simples utilização de uma ou outra cor em determinados símbolos pode afetar de maneira fatal a forma como uma deficiência, doença ou comunidade são vistos pela sociedade. O estudo de como representar melhor a informação deve passar o básico e o avançado no ensino do design.

Já que o azul remete a questões de gênero e pode, de uma forma ou outra, contribuir para a invisibilidade do autismo feminino, mudar a cor pode ser um avanço importante no movimento. Porém, o que deve ser colocado no lugar, se outra cor ou um conjunto de cores como defendido por grupos já citados, é uma questão que demanda a realização de uma pesquisa mais ampla, que envolva um número maior de autistas de diversos lugares, idades e contextos.

Porém, para que essa adequação seja feita, existe a necessidade de criar uma identidade mais empática, que coloque o público-alvo no centro da decisão. Para isso, metodologias de design centrado no usuário podem ser ferramentas eficazes para que a simbologia do movimento seja representativo para todos os gêneros

Em um mundo cada vez mais veloz e cheio de informação, a utilização de signos tem se mostrado eficaz para informar de maneira rápida, sem a necessidade de legitimação da verdade. A utilização, portanto, de uma forma adequada e verdadeira para a representação de um espectro ainda tão pouco conhecido pode ser uma alternativa simples e significativa para a comunidade como um todo.

Contudo, não se pode decidir algo de tão grande relevância sem levar em conta o público-alvo: a população autista. Humanizar a forma de pensar um produto ou um símbolo é o meio mais coerente de se criar, pois a participação do indivíduo é uma maneira de utilizar as histórias individuais para se pensar em deficiências (Fletcher, 2014) e, assim, aproveitar a experiência de cada um em sua singularidade.

É importante entendermos nosso papel enquanto designers na transformação da sociedade e cabe a nós um entendimento maior de nossa função social e de estudo e humanização de projetos. Fazer design é trabalhar para humanos e entender o nosso papel enquanto transmissores de informação é um primeiro passo extremamente importante para a melhoria de uma sociedade mais igualitária e representativa para todos.

Referências

- Acnur lança consultas sobre os direitos dos refugiados LGBTI, *Nações Unidas Brasil*. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/acnur-lanca-consultas-sobre-os-direitos-dos-refugiados-lgbti>. Acesso em 08 jun. 2019
- Autistic Pride Day 2018. *Awareness Days International Awareness Events Calendar*, United States. Disponível em: <https://www.awarenessdays.com/awareness-days-calendar/autistic-pride-day-2018-2>. Acesso em: 10 mai. 2019
- Autistic Pride Day. *Aspies for Freedom*, [S.l.]. Disponível em: <http://www.aspiesforfreedom.com/autisticprideday.html>. Acesso em: 10 mai. 2019
- Beauvoir, S. (2009). *O Segundo Sexo*. v.2. Tradução Le deuxième sexe. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berry, S.; Martin, J. (1994). *Diseño y color: cómo funciona el lenguaje del color y cómo manipularlo en el diseño gráfico*. Tradução Gloria Prieto Puentes. 1. ed. Barcelona, Espanha: Blume.
- Cardoso, R. (2012). *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Cosac Naify.
- Crepaldi, L. (2006). A influência das cores na decisão de compras: um estudo do comportamento do consumidor no ABC paulista. *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, São Paulo, p. 14.
- Endow, J. Goodnight Autism Puzzle Pieces. *Ollibean*, [S.l.]. Disponível em <https://ollibean.com/goodnight-autism-puzzle-pieces>. Acesso em: 10 anurar. 2014.
- Farina, M. (1986). *Psicodinâmica das cores em comunicação*. 2 ed. São Paulo: Edgard Blücher.
- Fletcher, V. (2014). Consequential Design. *The National Endowment for the Arts*, Washington, DC. Disponível em: <https://www.arts.gov/art-works/2014/consequential-design>. Acesso em: 10 mai. 2014.
- Guerra, C. (2007). Meninobrinca de boneca e menina de carrinho? *Rev. Ed. Popular*, p. 136–142.
- Happy Autistic Pride Day June 18 2016 #Autisticpride. *The Art Of Autism*, [S.l.]. Disponível em: <https://the-art-of-autism.com/happy-autistic-pride-day-june-18-2016-autisticpride/>. Acesso em: 02 fev. 2016.

- Pereira, A. K. M., Souto, V. T. | *A cor do autismo e sua relevância na representação simbólica de mulheres*
- Hill, A. (2012). Not just a boy thing: how doctors are letting down girls with autism. *The Guardian*, London. Disponível em: <https://www.theguardian.com/society/2012/jul/13/girls-autism-sex-bias-children>. Acesso em: 10 dez. 2012
- Indeed, Sex Matters! Gender Matters!. *Sex and Gender Women's Health Collaborative*. Disponível em: <http://sgwhc.org>. Acesso em 02 fev. 2018.
- Logan, R. K. (2012). *Que é informação: A propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera*. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio.
- Mcgregor, A. (2014). Why Medicine Often Has Dangerous Side Effects for Women. *TED Ideas Worth Spreading*, Rhode Island. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sJCBM9ajA5s>. Acesso em: 02 fev. 2014
- Menezes, H. F., & Pereira, C. P. A. (2017). Funções da cor na infografia: uma proposta de categorização aplicada à análise de infográficos jornalísticos. *Revista Brasileira de Design da Informação*, pp. 321–339.
- Montano, F. (2017). Chá revelação: ideias de decoração. *Revista Crescer*, [S.l.]. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Gravidez/Cha-de-bebe/noticia/2017/02/cha-de-bebe-revelacao-como-organizar-o-seu.html>. Acesso em: 02mar. 2017
- Niemeyer, L. (2013). *Elementos de semiótica aplicados ao design*. 1 ed. Rio de Janeiro: 2AB Editora.
- Oliveira, C. (2015). Um retrato do autismo no Brasil. *Revista Espaço Aberto*, São Paulo, n. 170. Disponível em: <http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=um-retrato-do-autismo-no-brasil>. Acesso em 01 jan. 2015.
- Paschoal, A. (2015). O espectro não é preto e branco!. *Autismo em Evidências*, Brasília. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uWlkZit0sGY>. Acesso em 14 mai. 2015
- Paschoal, A. (2019). *Autismo em mulheres: o mito do 4 para 1*. Comunicando Direito, [s.l.]. Disponível em: <http://comunicandodireito.com.br/autismo-em-mulheres-o-mito-do-4-para-1>. Acesso em 03 abr. 2019
- Passerino, L. M., Bez, M. R., & Vicari. (2013). Formação de professores em comunicação alternativa para crianças com TEA: contextos em ação. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, v. 26, n. 47, set/dez. 2013. DOI: <https://dx.doi.org/10.5902/1984686X10475>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/10475>. Acesso em 20 mar. 2013
- Pereira, C. P. A. (2011). A cor como espelho da sociedade e da cultura: um estudo do sistema cromático do design de embalagens de alimentos. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo.
- Santaella, L. (1983). O que é semiótica. *Coleção Primeiros Passos*, São Paulo: Brasiliense.
- Tufte, E. R. (2011). *Envisioning information*. 13 ed. Connecticut: Graphic Press.
- Willingham, E. Why Autism Speaks Doesn't Speak For Me. *Forbes*, Jersey City. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/emilywillingham/2013/11/13/why-autism-speaks-doesnt-speak-for-me/#1cfeb3cd3152>. Acesso em: 01 jan. 2013
- World Autism Awareness Day: 2 April. *World Health Organization*. Disponível em: https://www.who.int/mental_health/world_autism_awareness_day/en/. Acesso em 01 abr. 2012

Sobre as autoras

Anne Karolyne Mendes Pereira, Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Design, UnB, Brazil<annekmds@gmail.com>.

Virgínia Tiradentes Souto, PhD, UnB, Brazil<v.tiradentes@gmail.com>